



Gonzaga Duque

### Impressões de um amador: os textos de Gonzaga Duque na imprensa carioca

Fazer história no Brasil é recuperar traços perdidos, aclarando zonas de sombra, que um certo desprezo com a memória deixou de lado. *Impressões de um amador*. Textos esparsos de crítica (1882-1909)<sup>1</sup> tenta recolher os primeiros escritos sobre arte de Gonzaga Duque, de 1882 a 1909, que estavam dispersos pela imprensa de sua época, sujeitos à devastação das traças. Entre outros artigos, reúne uma série sobre arte do jornal *A Semana*, a coluna Belas-Artes, que o crítico mantinha aos 20 anos de idade, sob o pseudônimo de Alfredo Palheta. Aí já se mostrava leitor de Baudelaire, Diderot, Ruskin e Zola. Cobria as exposições das galerias cariocas, a Casa Vieitas, a Galeria Moncada, a Glace Élegante e a Casa De Wilde, em notas às vezes bem curtas, mas irreverentes, que não hesitam, em alguns casos, em mandar o artista de volta ao aprendizado.

Seus escritos sobre pintura, com a defesa do Impressionismo de Manet, revelam um pensador independente, munido de valores libertários e paixão. Mas é contraditório em seus arrebatamentos, não encontramos nele um moderno comme il faut. Entre os pintores brasileiros é nítida sua preferência por Castagneto e Belmiro de Almeida. E sua crítica à Academia evidencia-se quando cobre por três dias consecutivos uma exposição de alunos em protesto contra a "ditadura acadêmica", elogiando algumas figuras que são de "uma independência intelectual verdadeiramente revolucionária".

Essa produção na imprensa mostra a vontade do escritor de interferir na cultura do país, o que o leva a transitar por vários setores, das artes plásticas ao urbanismo e à literatura. Alguns artigos sobre a cidade articulam-se como lugares de memória, fixando ambientes que foram demolidos, como cafés e cabarés, que reuniam a intelectualidade de seu tempo. E ainda marca seus textos um veio ficcional que os situa próximo da crônica ou do ensaio curto.

Destacamos um artigo da coluna Belas-Artes, mais extenso, em que comenta alguns pintores paisagistas, defendendo a insubmissão de Castagneto e fazendo pensar sobre a relevância dos estúgios na Europa.

Vera Lins\*

No Salão Vieitas exposição de novos estudos do infatigável Castagneto; no antigo Salão De Wilde exposição dos últimos estudos de Caron e Vásquez.

Ambos ainda são fracos, tímidos, indecisos. Foram, no Rio de Janeiro, discípulos de George Grimm, e seguiam à risca os preceitos do mestre. Colorido, desenho, expressão eram do mestre e religiosamente respeitados.

A não ser em uns pequenos senões, perceptíveis somente à vista bem educada, pequena era a diferença entre os estudos dos dois discípulos e os estudos do mestre.

Vásquez, apesar de tudo, tinha o que se chama em terminologia de *atelier* "um pouco mais de fundo" isto é: sabia jogar melhor os tons e dar grandeza à perspectiva aérea. Em todo o demais, em tonalidade geral, no conhecimento do claro-escuro e manejo das tintas simples era igual ao inseparável companheiro de trabalho. Agora, foram invertidos os papéis: Caron se nos apresenta mais observador da perspectiva aérea, mais feliz no tom.

Qual a causa dessa notável transformação? Talvez tibieza de Vásquez para os estudos;



talvez pouca habilidade sua para a observação da natureza européia.

Ao certo, difícil é dar a causa.

Entre os vinte seis estudos dos dois paisagistas, doze de Caron e de Vásquez quatorze, são mais dignos de nota um de cada qual.

O de Caron representa um recanto de natureza, à margem de um lago coberto de nenúfares. Não é uma obra de valor. Não. Muito longe está de ser uma obra boa; é simplesmente sofrível como estudo. A parte do lago, no plano esquerdo, onde se projeta a intensa sombra dos arvores do fundo, é tratada com facilidade – tem alguma transparência e volume, além de maneira um tanto larga no processo de tocar. O fundo é mal tocado – as massas são chatas, de sorte que todo o fundo mal se destaca do horizonte. A parte iluminada do lago está fraquíssima, posto que se conheça pelo passar e repassar do pincel, pela acumulação dos tons, o esforço despendido pelo aluno para conseguir o efeito justo.

De Vásquez o melhor estudo é uma pequena tela, a terceira do lado esquerdo da parede em que estão pregadas. É um canto de bosque, solitário, batido de sol. Se as manchas e massas têm sido mal empregadas por Caron, em Vásquez elas estão ainda piores. Chatas, esparramadas, inúteis, colam-se ao fundo como pinceladas inconscientes de um amator pedante. As grandes massas iluminadas que observamos na natureza, ao fundo das paisagens, têm relevos; entre elas e o horizonte há sempre uma camada de ar que nos traz a idéia da distância. E é precisamente a perspectiva aérea que está falhando a Vásquez. Os troncos de árvores, troncos retorcidos de anosos carvalhos, que se notam neste pequeno estudo, são pintados com muita facilidade e por uma maneira muito simples. Um pouco de cor e um pouco de elegância, porém, em um ponto de fácil execução, recomendam esse estudo.

Quem analisar com atenção os estudos dos dois estudantes verá claramente a indecisão pela qual estão passando. A maneira de Grimm é uma, a maneira de Hanoteau, o atual professor deles, é outra. O primeiro usa e abusa das tintas simples, faz as manchas e as

detalha ao correr da mão, sem caracterizar a vegetação; vê o oca em duas gradações por toda parte, lambe os céus com *ultramar*; e, não conhecendo o movimento das nuvens, abandona a relação que entre elas existe com as partes sombreadas da vegetação. Hanoteau é de maneira diferente. Procura os efeitos, os tons, a cor. Em 1865 o seu *Coin de parc* fazia sucesso no Salão. Era de uma sincera impressão o seu quadro; admirável em colorido e em frescura.

Houve, portanto, uma transição no estudo dos dois artistas. Não que ela seja proveniente da diferença de natureza; isso seria fácil de conhecer; houve uma transição na maneira de ver e na maneira de pintar, que ainda não lhe é certa.

Por enquanto os seus estudos não merecem elogios. Aqui faziam melhores, com a única diferença da cor e do traço.

\*\*\*

Houve uma coincidência entre a exposição dos estudos dos discípulos de Hanoteau e a dos quadros de Castagneto. E é a seguinte:

Vásquez e Caron começaram a estudar ao mesmo tempo que começou Castagneto; tiveram os três o mesmo professor, e juntos freqüentaram a Academia, segundo creio.

Castagneto abandonou o professor e a Academia, arrumou o cavalete, encheu de *tubos* a mochila e partiu para uma curta e simples viagem à volta... das nossas praias. Vásquez e Caron continuaram a estudar com George Grimm, e depois partiram para a França.

Agora os dois enviam estudos dalém-mar, e Castagneto à custa dos seus esforços, nos apresenta estudos feitos no Rio de Janeiro, que são muito superiores aos dos discípulos do autor de *Paradis des oies*.

Parece-me que nesta coincidência há as irradiações de uma verdade. A portentosa Europa é necessária à educação completa do artista: mas sem ir às plagas do velho mundo muito pode fazer quem possua talento e trabalhe com dedicação. Nem há negar.

Os seis quadros que Castagneto expõe no Salão Vieitas não têm a pretensão de ser obras acabadas; são estudos feitos *d'après*

*nature*, porém à guisa de *pochades*. Trabalhos simples de dois, três dias. Mas, quanta expressão nesses empastelamentos, quanta individualidade nesses borrões despreziosos!

Um deles representa um pedaço do arsenal de guerra, visto da praia de Santa Luzia. Ao fundo, longe, muito longe, rola o mar as vagas, e vem, tumultuoso, irrequieto, espojar-se à praia em um indolente e bruto espreguiçar.

O sol banha a natureza. Os telhados, e as paredes caiadas das oficinas do arsenal, iluminadas pela luz sonora, parecem dilatar no quadro um longo riso de força, diante do mar que geme na areia. Da chaminé das oficinas sobe ao espaço uma tênue coluna de fumo, que vem das entranhas incandescentes das máquinas a vapor. No mar deslizam velas pandas, e em terra, na serena tranqüilidade de um dia feliz, pescadores vagarosos passam, amassando a areia, com as armas da sua indústria ao ombro.

Um outro quadro, propriedade do Sr. Henrique Chaves, é um melancólico e *saudoso* ponto, banhado pelas águas pálidas de uma nesga de mar. No primeiro plano, uma porção de pedras soltas forma como que um cabo onde treme um arbusto isolado e triste. Depois há um breve espaço de terra, sobre o qual vêm-se edificadas duas casas em forma de rústicos *chalets*. De um lado passa a estrada, escarpada, margeada de altas árvores. Vão por ela caminhando algumas pessoas. Do lado oposto, no plano esquerdo, um monte de pedras agudas; depois, a perder de vista, uma ponte, e depois... depois o infinito. É de um sentimento indescritível esse quadro. Há no horizonte não sei quê de vago, de suave, de triste e tocante, que nos fere o coração, e nos traz à memória os isolados sítios onde deixamos com a última inconstância da mocidade o nosso sentimentalismo puro e adorável. Na escarpa, uma luz amortecida de sol que se esvai envolve as figuras em tons dourados e leves, pondo na ramagem do fundo um tom macio de pêlo. E, nas pedras do primeiro plano, o arbusto medrado parece chorar o desalento do dia, que morre sob a cúpula imensa de um céu silencioso, e merencório.

Dos três estudos menores que estão expostos é mais digno de nota um intitulado –

creio – *Golpe de vento*. Uma nuvem parda cobatida para o sul; o mar encrespa o dorso, e embarcações, pequeninas, arqueiam de bombordo, inclinando as velas largas e enfunadas. O movimento foi bem estudado e executado com felicidade.

A impressão que nos causa é exata; perceb-se bem a passagem tempestuosa do vento uivando.

De todos esses últimos estudos de Castagneto somente um é mau – *Efeito do lina praia de Santa Luzia*. A noite que tantos eflúvios derrama nas estrofes dos poetas, é avara para com os pintores; raros são os que lhe têm conquistado a posse dos segredos. Mas o que fica fora de dúvida é que os estudos de Castagneto, feitos por sua exclusiva dedicação à arte, sem um guia, sem um mestre de merecida importância, e longos dos grandes e acreditados centros artísticos são superiores aos dos dois jovens paisagistas. E é para coroar os seus visíveis e felizes esforços que não lhe nego elogios.

A *Semana*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1886.

Assinado: Alfredo Palheta.

\* Vera Lins, doutora em Ciências da Literatura, professora da Faculdade de Letras, e autora dos livros *Gonzaga Duque. A Estratégia do franco-atirador*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991, e *Novos Pierrôs, Velhos Saltimbanco*, Curitiba, Secretária Estadual de Cultura, 1998.

#### Nota

*Impressões de um amador*. Textos esparsos de crítica (1882-1909), Belo Horizonte, Editora UFMG/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001 (organização Julio Castañon Guimarães e Vera Lins).

**Obras reeditadas de Gonzaga Duque (1863-1911):** *A arte brasileira* [1888], Campinas, Mercado das Letras, 1995 (Introdução e notas de Tadeu Chiarelli).

*Mocidade morta* [1897], Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

*Revoluções brasileiras* [1898], São Paulo, Fundação Editora da Unesp/Fapesp, 1998 (organização Francisco Foot Hardman e Vera Lins).

*Graves & frívolos* (por assuntos de arte) [1910], Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/Sette Letras, 1997 (prefácio preparado da edição por Vera Lins).

*Porto de Mdgãos* [1914], (organização Julio Castañon Guimarães e Vera Lins), Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1996, Coleção Biblioteca Carioca v. 40.

LINS, Vera. *Gonzaga Duque. A estratégia do franco-atirador*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.

*Impressões de um amador*. Textos esparsos de crítica (1882-1909), Belo Horizonte, Editora UFMG/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001 (organização Julio Castañon Guimarães e Vera Lins).